

A photograph of a river with a wooden railing in the foreground, trees on the banks, and a building in the background. The scene is captured in a slightly desaturated, high-contrast style. The railing is made of dark wood and runs along the edge of the river. The water is calm, reflecting the surrounding environment. In the background, there are lush green trees and a multi-story building with a light-colored facade. The overall mood is serene and contemplative.

Poemas despidos de música e sentido

Nestor Daniel Leserre

**Precisa-se de árdua intenção e delicada arte para separar
o que estava abraçado e entrelaçado com paixão:**

Letra e música.

Depois, ficou um profuso silêncio, nu e cru.

Preto e branco.

Completo na carência.

Inteiro no seu vazio que se pode ler,

e mesmo assim, nada entender.

Ao Mestre Gunça,

Só ele gostou das minhas composições. Ele recuperou palavras milifônicamente, costurando na guia cada letra que fugia.

Foi quem me levantou quando caí, e quem me derrubou quando levantei.

E assim, fui descobrindo, queda após queda, que os poemas e eu, sendo animais, não temos que cantar o que somos.

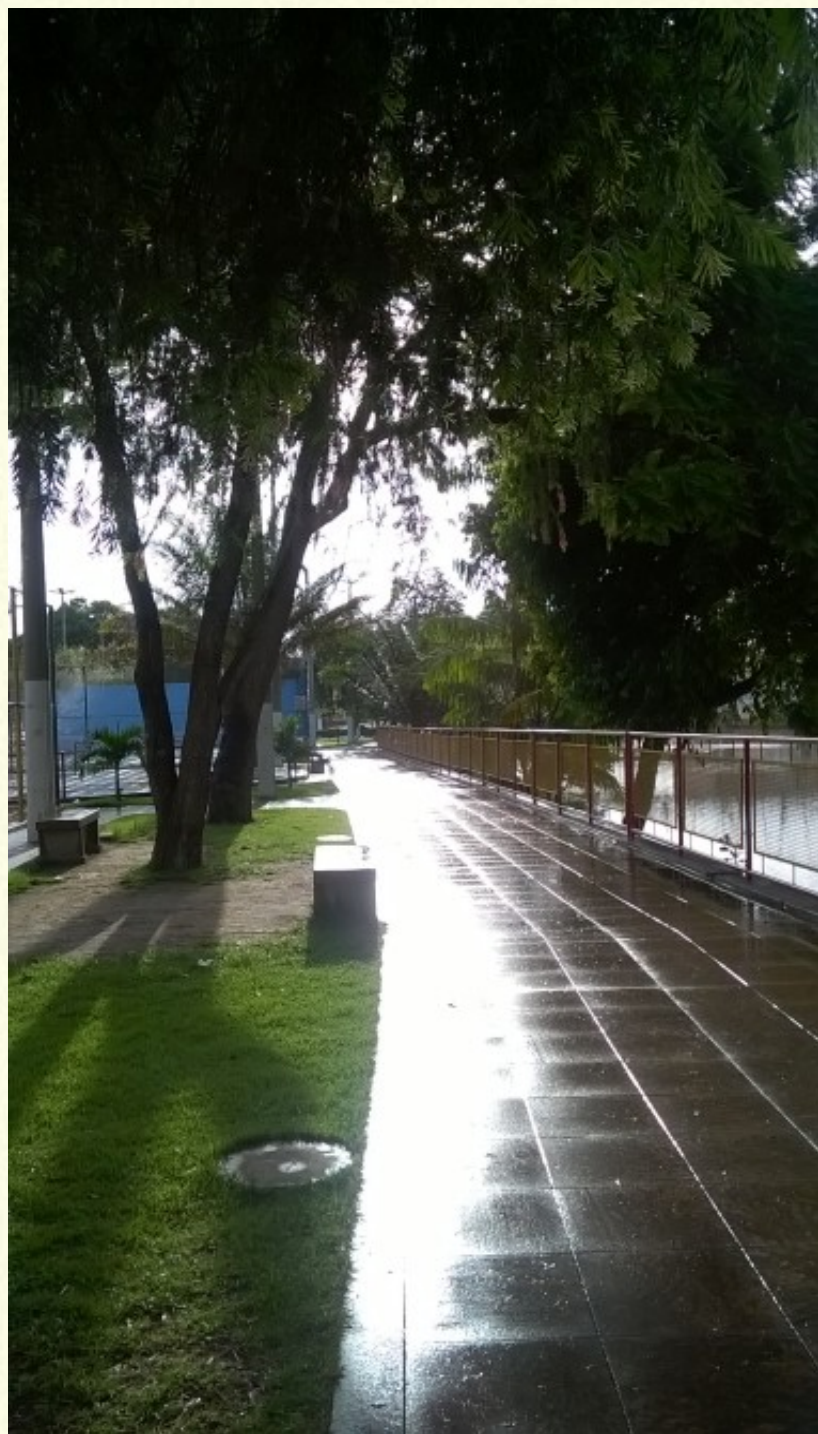
Para toda chuva

Chuva para a terra, para as cabeças. Para o deserto, para os olhos. Para o recolhimento, ou, dançar nas ruas. Para inundar as almas que se buscam. Para encontrar abrigo, chuva. E sonhar sem reparo: chuva.

Chuva que conta histórias, para a memória. Para a memória.

Pra ficar na janela, apenas escuta. No palácio ou favela, é a mesma chuva. Ilusão que floresce. Espera de café. Ou mergulhar na cama e desaparecer.

Chuva que conta histórias, para a memória. Para a memória.



O que não foi (Ruínas do amanhã)

Não quer cair no túmulo do desinteresse público. Nem afundar nas páginas da mediocridade histórica. Ele quer o extraordinário, ser uma lenda sem lógica. Redemoinhos kármicos, trazem paraísos pálidos. Ele quer algo mágico, que flutue como pétalas derramadas por Deus. Ele calcula impávido sua instável matemática. Sem vínculo autêntico de veneciano anônimo. Ele, sentindo-se único fingia ler livros místicos. Na sua espera artística, e algo melancólica, na cidade caótica, esqueceu os pés descalços, e dançar com a chuva. Se molhar com a música. Que derramava amor, que derramava amar, e derramava mar. E não disse a palavra que ela tanto aguardava, que assim, virou lágrima, Que escorreu em muros sólidos, deslizou pela máscara. Pelas suas vestes pretas amassadas góticas. E o entardecer roubava o sol e devorava tudo de forma agônica. E a saudade tornou-se lâmina de aço e lua. Virou desesperar se em púrpura.

O que escreve e floresce

O sábio que escreve, Que escreve a emoção, A emoção que aparece. E aparecem as cores, as cores que florescem. E floresce cada dia, o dia que ilumina, ilumina o sábio.

E floresce cada dia. Floresce cada dia. Floresce cada dia.

Ilumina o sábio, o dia que ilumina. E floresce cada dia. As cores que florescem. E aparecem as cores. A emoção que aparece, que escreve a emoção, o sábio que escreve.

E floresce cada dia. Floresce cada dia. Floresce cada dia.

Diário do andarilho

Anda. Ele anda. Sua sorte ainda dorme. Anda.

Ele anda. Suas preces são adolescentes. Ele anda. Anda.

Sonha em francês. Nada tem. Só os pés. Anda.

Suas mãos têm fome de querer. Depois de tudo, anda.

Seu corpo trabalha na cidade da pressa. A mente anda.

Misteriosas ruas o levam para outros submundos.

Nos dias sem nome, escreve no diário, seu silêncio profundo.

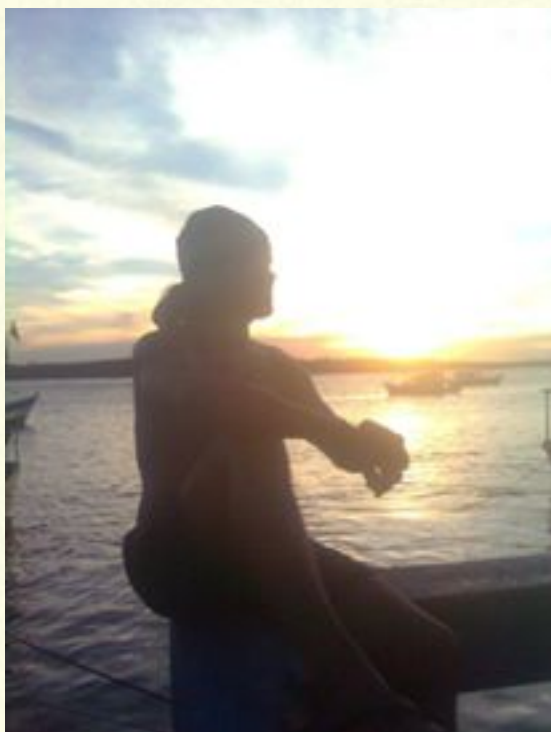
Onde o tempo abre como asas, antes de voar, anda.

E se acha no direito de ser pássaro.

Coração perambula e já não chora.

E cala as ilusões do passado.

Ouve um sussurro pela noite afora.



Jardim, noite e ausência

**Ah, esta flor que no amanhecer, acorda pra ver o sol,
e no fim da tarde seu aroma canta.**

**Ah, esta flor que no anoitecer, dorme e guarda sua cor,
mas, no fim da tarde seu aroma dança.**

**Ah, estrela dos céus vá aquecer. Olha se a flor
já adormeceu, e se o orvalho a estremeceu.**

**Ah, estrela dos céus, trará pra mim aquela noite
dos amantes, dissolvendo o frio que existe no jardim.**

**Ah, estrela dos céus, trará pra mim aquele abraço
dos amantes, dissolvendo o frio que existe no jardim.**

**Mas, eu queria te encontrar aqui. Eu queria te encontrar
assim. Te encontrar em flor. Me perder em ti. Me perder
sem fim.**

Ah, estrela dos céus, trará pra mim?

Infinitivo mar

**Minha boca está louca, quer porque quer,
todo o bem do mel daquela mulher.**

**Minha língua delira, quer percorrer,
poesia da noite num barco de papel. ...Procurar, praiar,
encontrar, conhecer, tal vez, conversar.**

**Minha canção está louca, pega e abraça,
sua dança que passa suave, ondulante, descalça.**

**Essa mulher está louca, não olha nem quer,
mesmo que eu ria, que faça acrobacias,
e que fotografe todas as mentiras.**

**Nuvem de jasmim no amanhecer, cheiro de café, vou
adoçar com sol. Vou temperar com mar. Vou temperar com
mar..Procurar, praiar, encontrar, conhecer, tal vez,
conversar.**

O eterno irrelevante

O eterno irrelevante cansou de tropeçar na mesma pedra, palavra, ideia. Na mesma história histórica. Na mesma canção. Pode ter sido uma luz, uma chuva. Alguma causa que o fez olhar pro infinito pela primavera vez, e as estrelas dançavam. E respirou, sentindo Vida na pele. E recuperou o efêmero transcendente. E pegou frutas que pairavam perto. E abandonou o chão que era deserto.

E estava nadando no ar, no êxtase dos pássaros. E estava nadando no ar, no êxtase dos pássaros.

E o eterno irrelevante contemplou seu rio como nunca jamais, ouvindo o murmúrio resplandecente: alma na água. E seus olhos cessaram de morrer. Nasciam sem parar. Paz sem par. E acariciava Momentos deslizando com ele.. Água na alma? E respirou, sentindo Vida na pele. E recuperou o riso transcendente. E pegou frutas que pairavam perto. E abandonou o chão que era deserto.

E estava nadando no ar, no êxtase dos pássaros. Estava nadando no ar, no êxtase dos pássaros.



Nossas noites arranhadas

Passos ligeiros, silêncio veloz. Olhos, resplendor: Gato. Orelhas atentas, pegadas de seda. Miúdo poderoso, bruxo: Gato. Fugindo dos homenzinhos ateus, pra dentro dos rios da escuridão: Tigre alado.

Parente da noite, amigo dos mistérios. Meu amigo: Gato. Amas os perigos, feres a ordem pública, proibido de falar. Proibido Gato. Fala comigo, sussurra teus sonhos, dos mirantes do mundo: réu sagrado. Olhas pra valer, duende cigano...

Audaz equilibrista entre céus e abismos. Atleta mago. Caco do desconhecido, insuspeitado, que quebrou nos telhados. Pessoas atrapalhadas, confusas, rudes, de hábitos vulgares: delicado Gato. Olhas pra valer, vadio e tanto. Lutador subconsciente, brinca com estrelas. Incrível alto. Errante telepata, Yogi marginal: Dono e senhor Gato.

Te conheço pouco, Gato. Estou aqui obscuro, meio louco, claro... Transmitindo espero, com unhas e dentes, quero, meu coração de gato, Gato, até a madrugada, as nossas noites, noites e noites: arranhadas.



Dias de abismos e montanhas

O céu inunda a quem tem asas no olhar, e viaja longe da rotina. Mas o desejo prende e molha lábios trêmulos, de quem abriu janelas escondidas.

Aromas tecem levemente o ar, vindos do bosque de tocar as sombras. Calor que chega em ondulado verso, misturado ao abraço de aquecer as formas.

**Espera, espera. Quebra a minha inútil geografia.
Espera, espera! Te alcanço em vendaval ou como brisa.**

Murmúrios pintam delicados silêncios, à luz de uma única andorinha. A lua rasgará a noite sem medida, que vira vinho e despedida.

E tudo, tudo vibra em vida, geme, inspira. Tudo desmancha e depois suspira, como uma folha sem peso, sem cor, sem rimas.

**Espera, espera. Quebra a minha inútil geografia.
Espera, espera! Te alcanço em vendaval ou como brisa.**

Poema se desliza clandestino

Aparece a ética da estética que procura poesia no caminho.

Mas, o poema inconveniente nos becos se desliza clandestino.

Poema que se expressa no idioma mágico desconhecido.

Poema agarra o que ninguém toca. Pelos cantos abraça o que ninguém abraça.

Um simples poema, irregular, fatal tem seus pés descalços.

Tem sangue de terra. Sua corda dourada, amarra planetas. Não sei por onde anda. Nas sombras?

De vez em quando, ele também me abraça.

Atemporal, abissal. Verdadeiro UFO. Letra e ritmo. Papel e telepatia...

O poema inconsequente, súbito bêbado.

Um simples poema de papel e telepatia.

HOMEM SEM FORMA

Pessoas. Atléticoas, estéticoas. Eléctricas, que nem formigas no chão. Pessoas perfeitas, são feitas de arroz, feijão e televisão. Bocas cor batom sem coragem de beijar. Olhos tão bonitos com medo de olhar. Não entendo. Eternamente não entendo, e sou Sombra de sombra.

Homem sem forma. Sombra sem normas.

Pessoas. Muitos não gostam de mim, tão inseguro, quando a noite chega eu fico escuro. Não tenho opinião, eles não gostam. Sou verde no parque, danço quando danças. Velho com os velhos.

Criança com crianças. Sombra de sombras. Sou homem sem forma. Sombra sem normas. Pessoas. Não me acham. Sou itinerante. Sem dono. Como quando estou com fome.

Durmo quando sinto sono. Provavelmente falo como os animais. Laralarala. Malgasto meus dias, desimaginando.

E tudo no mundo me espanta tanto, tanto. Que em vez de chorar canto cantos: Sombra de sombra. Homem sem

forma. Sou sombra sem normas.

E ando nos

labirintos do planeta amado, armado, minado, contaminado. Sombra de sombras. Homem sem forma.

Sombra sem normas.

Murmurazul

Escuto açúcar e sal do tempo. Murmuro azul.

Ando no fogo do inesperado. Murmuro azul.

Eu

me procuro por céu e sonho. Murmuro azul.

Me

**entrego ao dia que me visita, e a cada fragmento de
silêncio em luz.**

**E a terra gira terra para que cantes. E gira a terra, gira
para que dances.**

E que acordes com o sol, que adormeças com a lua.

Escuta as vozes do que virá. Murmurazul.

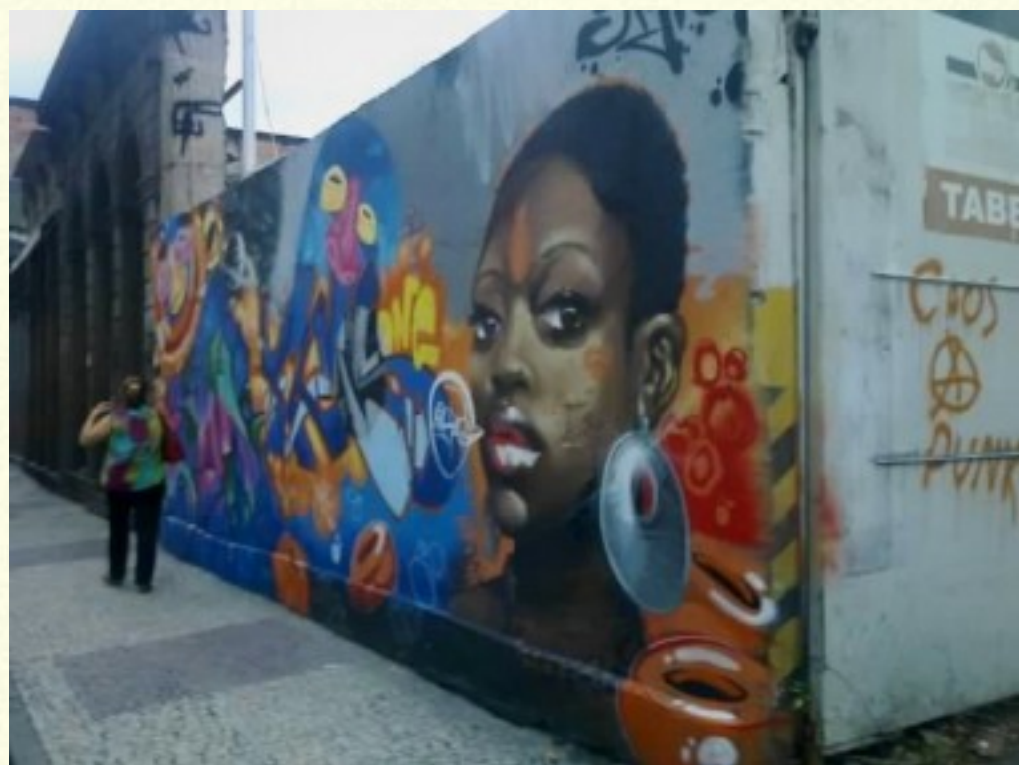
Este momento incendeia no ar. Murmurazul.

Toda palavra cai pro passado. Murmurazul.

**Bebe faíscas de água de chuva. E cada fragmento de
silêncio em luz.**

**E a terra gira terra para que cantes. E gira a terra, gira
para que dances.**

**E que acordes com o sol, que adormeças com a lua. E que
acordes com o sol, que adormeças com a lua.**



Por dentro da arte

Nesta arte precisamos adoçar, salgar, repartir. Vibrar.

Precisamos andar, correr, mudar, ouvir.

Nunca parar.

Nesta arte de acariciar. De gritar.

Um pouco chorar. Depois amanhecer.

Precisamos nadar, nesta arte voar. Ressurgir, veganear.

Respirar, aprender, criar, ensinar. Ganhar, perder. Nesta arte.

Musicar, anoitecer, enraizar, arvorecer. Estar. Corasonhar, fluir. Depois ensolarar. Nesta arte de viver.

Eternizar, abrir, entrelaçar, olhar, subir. Anuvencer.

Poemar, resplandecer, abraçar, agradecer

e ser.

Resistir, manifestar, revolucionar, humanizar.

Nesta arte de viver..

quase mendigo- quase ateu se confessava: Meus contornos indefinidos como Deus e minha casa. Minhas sombras indiferentes me seguem por seguir. Meu destino indeciso irreverente está aí e aqui. Sou primitivo, nu e a pé até o infinito. Faço companhia aos meus defeitos favoritos. Não sei como te achar. Meu GPS é ficção. Se tua boca é virtual real fatal, não é comigo. Cai minha conexão, sistema e tal: sou um mendigo... Onde acaba meu corpo e começa a solidão? Onde acaba meu corpo começa a solidão. Meu desejo dormindo na rua carece de chips. Sob o neon incendeias meu sono recorrente anil. Para abraçar-te te escrevo. Me falta métrica e boba arroba. Falta-me tecnologia que foge daqui pecador e Dalí salvador. Se tua boca é virtual real fatal não é comigo. Cai minha conexão se eu não beijar: sou um mendigo. Onde acaba meu corpo e começa a solidão? Onde acaba meu corpo começa a solidão. Embora você ria impávida na Web de mim, sou teu melhor hacker sem rede com sede até o fim... Fome de ti mordendo poesia em 3D.

Desajeitado, rústico te grito unplugged. Na luminosa e cruel vitrine pulam celulares eu sei. Que não têm cheiro nem sabor, nem alma eu sei... Meus pecados, não ligo, na tomada, de madrugada minha voz ecoa, voa, digo, digo, digo...

Se

tua boca é virtual real fatal, não é comigo. Cai minha conexão sem te tocar: sou um mendigo! Onde acaba meu corpo e começa a solidão? Quando acaba meu copo, começa a solidão.

Nada não, nada não...

Fiel abandonado

Quando passo por qualquer lugar, fiel acorrentado, fiel e maltratado, fiel abandonado sempre estás. Te observo e esqueço de mim. Admiro tua luta por ser feliz. Eu sozinho nos becos da vida, porque não gosto das más companhias. Porém gostaria quebrar tuas correntes e no meu quarto de hotel todos acolheria.

Andas pelas ruas, não tens um lugar. Lates para a lua, sentes solidão. Conheces o cheiro do frio. O mundo tem cheiros, curioso menino. Aromas de risos, crueldade que fede... O mundo tem cheiros, curioso menino. Quando passo com meu ser boêmio, reviro latas buscando canções. Eu também engolindo venenos. Vamos procurando corações. Andas pelas ruas, não tens um lugar. Lates para a lua, sentes solidão. Andas no planeta, esse é teu lar. Teu olhar diz tudo, tudo, não tens que falar.

Desvia dos carros, no meio do trânsito, no meio do público, afasta deles rápido. Deixa ir com você, deixa ir com você! Curioso menino, vem que eu te chamo..



Primeiras luas de escola

Acima da mesa de estudante: livros inexplicáveis, meu gato dormindo, e minha cabeça-labirinto.

Também restam biscoitos e os silêncios, poemas quebrados por tua ausência: íntima luz que agora eu sinto... Um fio de noite me surpreende, não consigo estudar, só imaginar. Quem dera amanhã fosse Domingo. E sempre. Mas, nem meu apara-estrelas detém teus sinais. Fabriquei um guarda-olhares pra não ver teus cabelos tocando no caderno, no meio da aula de tédio. Vou colar para ler teus pensamentos e não tua gritante indiferença: dicionário absurdo que se fecha, fecha, fecha. O mundo pra mim tem quinze anos. Pra quê a história da história da história. E sou eu quem precisa ir na escola... Mas, nem meu apara-estrelas detém teus sinais. Quero sair desta vida em quadrinhos. Meu travesseiro só pensa em você. Ligo o rock. Abro o estojo de mar, vou deitar. Quero um apaga-dor. Ligo o rock. Na flor de cada dia, guardo tuas pétalas na mochila. Na flor de cada dia, guardo tuas pétalas na poesia.

**O mundo tem quinze anos, sou eu quem vá na escola.
Ninguém sabe nada lá fora, sou eu quem faz a prova. Sou
eu quem vá na escola, que cola. Minha roupa tímida não
quer. Ligo o rock. Quero largar a mochila e flutuar no meio
da avenida, abraçando luas proibidas nas esquinas, nas
esquinas.**



Tempo, flores, palavras

**O tempo desliza entre as árvores. Entre os dedos.
Ele corre junto ao rio. Pelas ruas. Escorrega,
não consegues prendê-lo. Vira nuvem. Vira noite, vira
fotografia. Vira nuvem.**

**Mas as flores infinitas permanecem. Mas as flores
infinitas... Mas as flores...**

**As palavras são sombras e sobras. Soltas voam.
Há o silêncio com pausas de pausas de palavras.
Mas o tempo, não consegues prendê-lo. Vira nuvem.
Vira noite, vira fotografia. Vira nuvem.**

Mas as flores infinitas permanecem.

**Mas as flores infinitas... Mas as flores... Mas as flores
infinitas permanecem. Mas as flores infinitas... Mas as
flores... Mas...**





Quando a noite era praia

**No fim da tarde, o céu pinta-se de aves, que retornam.
Sem consolo vão dormir. Querem você junto a mim.**

**Areia ondula, pinheiros murmuram, entregando verde
aroma. Diz o
vento entrelaçado: querem ver você ao meu lado.**

**Você chorava distâncias. E tremia de ilusões.
Quando a noite era praia, esquecia nossas dunas.
E lembrava de Itaúnas.**

**Juro que fui eu quem te acariciava, não foi brisa.
Quem te seguia era eu, e não a lua. Quem
deslizou nos teus pés, não era mar, nem espuma. Quem
deslizou nos teus pés, não era mar, nem espuma.**

Luz de Vulcão

**Este bosque é meu lar, não deixa homens entrar. Nos
rios vou me esconder, não deixa eles me ver. Dentro
dos céus vou sumir, que não possam me atingir. Sou
somente pássaro, sou apenas árvore. Frutos deste
planeta, no ventre da primavera. Água,
terra, dança, crianças, música. Toda vida é
flor. Cada vida tem deus. Somos chuva, lua,
chão. Temos força de vulcão.**

**Sou cavalos livres, fresca brisa, sou tribo que ama.
Luz do futuro. Temos corpo, somos alma.
Água, terra, dança, crianças, música, e uma fogueira...
Fogueira pra dançar em volta. Fogueira pra apagar as
dores, fogueira pra esquecer a fome, fogueira contra a
indiferença. Águas,
terras, danças, criança, músicas. Fogueira pra
queimar bandeiras. Fogueira pra cruzar fronteiras. E me
abraça refugiado, me abraça! Fogueira pra queimar as
armas. Fogueira pra queimar o ódio, e me abraça soldado,
me abraça!**

Somos água, somos terra, somos dança. Criança: somos música!

Poemas

invadindo as praças. Pinturas, artistas, equilibristas nas praças.

Os animais nas

praças pela paz. Todos os cães abandonados em favor da vida. Nas praças, pela paz, nas praças, pela vida...

Somos natureza, sangue e o que floresce. Somos o que brota, o que luta e o que permanece.

Água

pura, terra pra todos, dança criança, a música latina.

Somos natureza, sangue e o que floresce. Somos o que brota, o que luta e o que permanece. Água e terra, sem veneno, criança sem medo, e música latina, música pra todos, música na escola: terra pra todos...

MPE (Música perdida no espaço)

**Eu que perdido no cosmo, com a minha arca, quis
encontrar teu coração, pela galáxia. O destino se mexe,
dança. Será mudança? Vim até o futuro. Machucava tua
distância. Eu tenho um mapa de procurar mapas, Um
relógio indiferente, sem fé. Tenho uma TV que não quer
me escutar. E lembrei: ainda tenho**

**café. E assim viajo pelos espaços, até
tua rua, até tua cama, teus abraços, teu cheiro, tuas
pernas. Até a origem de tua suavidade, navego, navego.
No meio da noite bela, navego pelas
estrelas.**

**Cantas,
iluminas e reletes na Via Láctea. As bússolas deliram
pela tua boca sintónica. Eu vejo, invejo pela janela alerta,
O leve passo dos cometas. Atiro flechas com meu arco íris,
para a-tingir a tua primavera. -Vá nave improvisada sem
rumo, nem limites, com música enlatada e um abridor de
esperas.**

**E assim viajo pelos
espaços, até tua rua, até tua cama, teus abraços, teu
cheiro, tuas pernas. Até a origem de tua suavidade,
navego e navego. No meio da noite obscura, te alcanço
nalguma lua..**

Eu ando e ando, tu: distância

Há imensidão de mundos por descrever. Como a rede da noite e suas fragrâncias. Como o mar, como a solidão.

Eu ando, tu: distância.

Há paisagens por percorrer outra vez. Como música, como montanha. Como doces praias no entardecer.

Eu ando e ando, tu: distância. E

há muitas perguntas por responder. Onde está o céu que nunca se alcança? Onde foi parar o que ia florescer?

Eu voando como um louco, tu: distância.

Há livros e formas pra adormecer. Formas e esquinas pra se perder. Há tantas histórias em cada olhar. E tanta memória que não queres lembrar. E

muitas respostas pra perguntar. Onde está o céu que nunca se alcança? O que ia florescer onde foi parar?

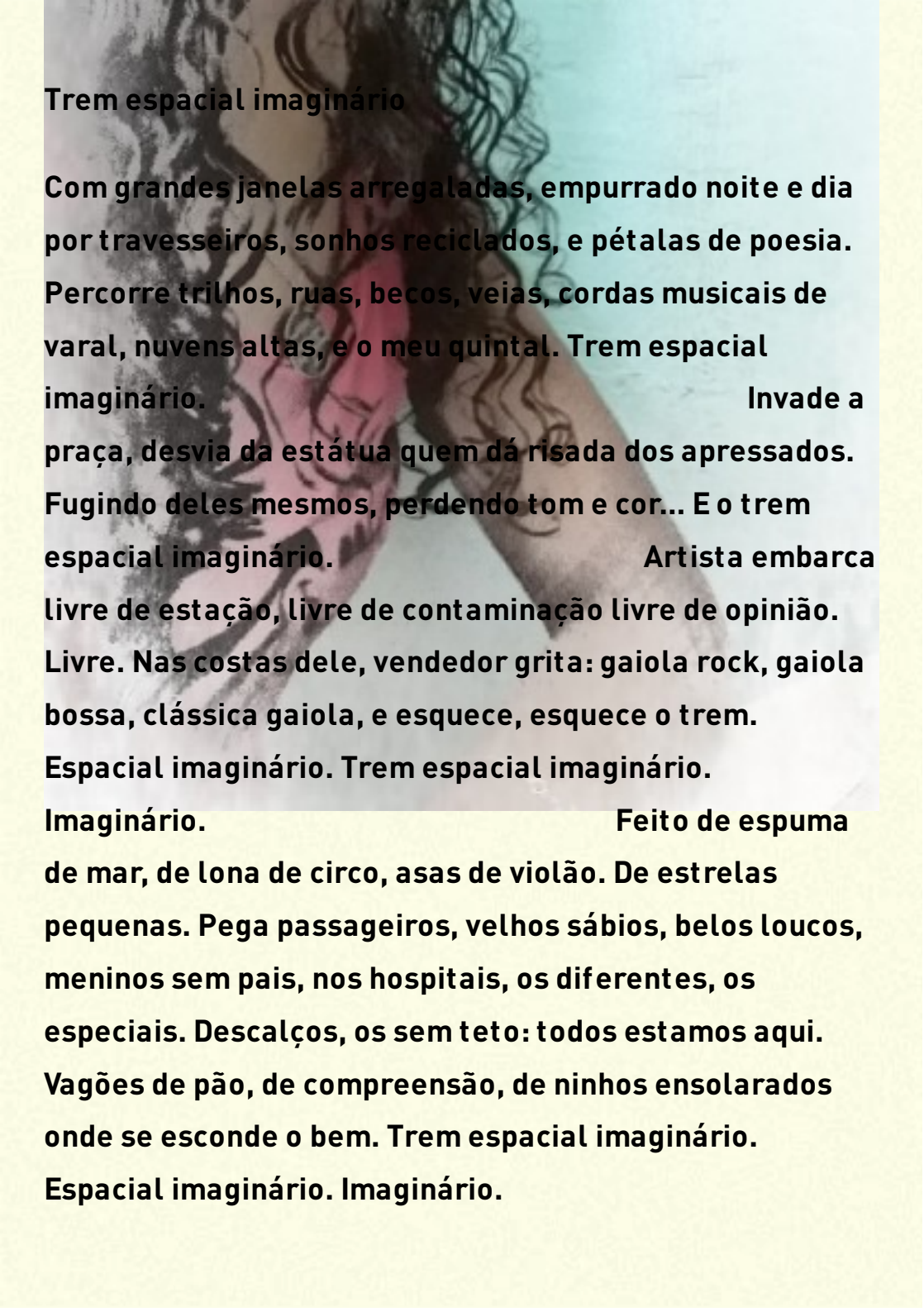
Eu voando como um louco, tu: distância.

Tua presença antimétrica e cruel

Tua presença me fulminou quando chegaste estrelada. Inesperadamente um olhar teu lançara raios que me feriram. Bandos de pássaros pularam de tuas mãos e me atacaram. Imortalmente, sem piedade, nem castidade. Quando eu ficava preso em teus anéis e nos teus brincos, ofegante. E teus cabelos pintados com sol da manhã, num instante. Fecharam minhas pálpebras e mal via o bem. Muito cruel de tua parte. Eu mudo gritava, rezava pra você sair daqui, porém, você como se nada sentou junto a mim. Como se nada. Você como se nada. E esse lado meu ficou atônito, paralizado. E meu outro lado estava longe demais para pensar numa saída. E minha roupa começou a pegar fogo, e você como se nada. Você como se nada. Teus leves gestos dirigiam uma orquestra de fadas nuas, beijando flores. Da minha cabeça gotejavam loucuras, entre as estações. Você atirava bosques, me atirava mares, como se nada. Você como se nada. Eu caía como uma chuva extenuante. Até que você flutuou e abandonou o metrô de Buenos Aires.

desaparecendo no caos barulhento, desgarrou-me completamente. Morri aliviado, -nunca mais te verei, soube sordidamente. Subitamente, completamente. Como se nada, Você como se nada. Acharei uma arte, algum destino minguante. Encontrarei amantes, livros em branco para escrever. E mapas da cidade para esquecer. Buscarei guarda-chuvas e tempo pra perder. E copos cheios para mergulhar neles tua presença e te afogar eternamente, eternamente, eternamente. E você como se nada. Você como se nada, como se nada.





Trem espacial imaginário

**Com grandes janelas arregaladas, empurrado noite e dia
por travesseiros, sonhos reciclados, e pétalas de poesia.**

**Percorre trilhos, ruas, becos, veias, cordas musicais de
varal, nuvens altas, e o meu quintal. Trem espacial**

imaginário.

Invade a

praça, desvia da estátua quem dá risada dos apressados.

Fugindo deles mesmos, perdendo tom e cor... E o trem

espacial imaginário.

Artista embarca

livre de estação, livre de contaminação livre de opinião.

**Livre. Nas costas dele, vendedor grita: gaiola rock, gaiola
bossa, clássica gaiola, e esquece, esquece o trem.**

Espacial imaginário. Trem espacial imaginário.

Imaginário.

Feito de espuma

de mar, de lona de circo, asas de violão. De estrelas

pequenas. Pega passageiros, velhos sábios, belos loucos,

meninos sem pais, nos hospitais, os diferentes, os

especiais. Descalços, os sem teto: todos estamos aqui.

Vagões de pão, de compreensão, de ninhos ensolarados

onde se esconde o bem. Trem espacial imaginário.

Espacial imaginário. Imaginário.

Leva convidados: andarilho índigo e seus cães, músico imigrante que flutua, amantes fora do tempo, crianças sem brinquedos que são luz e não sabem.

Não temos shopping, não temos jornal, não temos razão, não temos remédio, nem perdão, mas temos: Trem espacial imaginário.



É o único canto possível, longe do chão, onde resisto. Assisto pra existir. Trem espacial imaginário, o velho trem imaginário. o louco trem imaginário. Espacial imaginário. Imaginário.

O que desnuda

A música veste a alma, não tem substância, vergonha.
Não tem distância. Teu corpo sem dissonâncias, ou pudor.
Não têm sombras tuas fragrâncias.

Violão emana imagens, corpos livres, soltos, viagens,
viagens. Alma
veste música, espelho interior ouve. Navego por
mares doces, corações despidos dançam. Tua luz me
alcança. Vênus acorda, floresce: apareces. Beijas o ar, no
espaço sem roupas resolves voar. Alma veste música,
espelho interior ouve. Ouve trovões, seda,
abraços e olhares. Toca arte, ou parte. Lua tua. Nua.
Canto: rua, nuvem, dia. (noite minha). Canta o que
choras. Melodias. Rio que calas: rio de flores.

Alma veste música, espelho interior ouve.

Ouve música!

Ouvemúsica! Fuego
de jazmines a tu alrededor. Te siguen pájaros. Te sigue
la tarde, el cielo y yo. Estás dentro de mis sueños. Tu
cuerpo siempre está desnudo. Amores siempre están
desnudos...



Futura mente natural

Círculos mágicos, Chakras da Terra. Para acordar, abrir os olhos, ver estrelas. Desenhos místicos, plantas se curvam. Formam perguntas, na dança infinita que clareia. Natural. Profunda mente natural.

Som telepático, chaves e senhas. Para saber que é tudo ciclos: Natureza. Murmuram música, as linhas geométricas. Sombras e luzes na frequência dos planetas. Natural. Aberta mente natural.

Rastos de Sol, véu de Mercúrio, marcas em Vênus, vindas pra Terra. Claves em Marte, naves em Júpiter. Saturno diz, Netuno vibra, Urano fala. Plutão viaja, se comunica pela galáxia. Natural. Real mente, natural mente.

E no meio da noite cósmica, há um coração que flutua, como lua, por você... E no meio da noite esplêndida, há um coração que flutua, como lua, por você. Natural. Total mente, futura mente natural.



**As imagens são fotos que tirei em Nova Venécia,
Conceição da Barra e no Rio de Janeiro.**

**E a foto do modelo-gato Elfo cedida gentilmente
pela sua representante e mãe dele, Luana.**

**Os poemas são as letras de minhas músicas, todas
registradas.**

Facebook: Nestor Daniel Leserre

alttocielo@outlook.com



eu sou o Gunça